

Uso de contraceptivos hormonais em adolescentes: abordagem farmacêutica e desafios éticos

Caroline da Silva Araújo^{1*}, Cibele Maria da Silva², Eliza Mendes Cavalcante³, Michael Santos de Oliveira⁴, Rosineide Pereira Da Silva⁵, Wanuska Munique Portugal⁶

¹ Acadêmico de Farmácia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil.

² Acadêmico de Farmácia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil.

³ Acadêmico de Farmácia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil.

⁴ Acadêmico de Farmácia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil.

⁵ Acadêmico de Farmácia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil.

⁶ Mestra em Tecnologias Energéticas e Nucleares. Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Histórico do Artigo: Submetido em: 24/03/2025 – Revisado em: 22/05/2025 – Aceito em: 30/08/2025

RESUMO

A adolescência é um período de intensas mudanças físicas, emocionais e psicossociais, resultantes das transformações hormonais desencadeadas pela puberdade. Esse descompasso entre o desenvolvimento físico e o amadurecimento emocional aumenta a vulnerabilidade a riscos relacionados à sexualidade, como gravidez não planejada e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Métodos contraceptivos hormonais são amplamente utilizados por sua eficácia na prevenção da gravidez, contudo, fatores como medo de efeitos adversos, desinformação e uso irregular reduzem sua efetividade prática. A educação sexual abrangente, que inclua informações detalhadas sobre métodos contraceptivos hormonais e de barreira, é fundamental para capacitar adolescentes a fazer escolhas informadas, considerando benefícios e potenciais riscos, como possíveis impactos no desenvolvimento hormonal e metabolismo. Portanto, políticas públicas de saúde devem investir em programas educativos que promovam conhecimento aprofundado sobre contracepção, autonomia e responsabilidade, evitando a automedicação e assegurando uma abordagem integral da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. O objetivo deste trabalho é descrever a relevância da educação em saúde para o combate a automedicação entre o público adolescente. Para isto, foi realizada uma revisão de literatura integrativa descritiva a partir das bases de dados Medline, Lilacs e Scielo. Ao total, foram selecionados 7 artigos para o embasamento dos resultados, onde 60% se encontra na língua inglesa e 40% na língua portuguesa. A análise da literatura evidencia os impactos dos contraceptivos hormonais em adolescentes, abordando riscos e benefícios. Enquanto há preocupações sobre efeitos negativos no desenvolvimento ósseo e aumento do risco de infecções, também são destacados benefícios no manejo de sintomas menstruais e na qualidade de vida de grupos específicos. A desinformação sobre contraceptivos de emergência é um problema central, apontando para a necessidade de educação sexual eficaz. A falta de políticas públicas claras e diretrizes específicas para populações vulneráveis, como adolescentes em tratamento médico, ressalta a importância de medidas que garantam acesso a cuidados adequados e orientação correta.

Palavras-Chaves: Contraceptivos hormonais, Adolescência, saúde

Use of hormonal contraceptives in adolescents: pharmaceutical approach and ethical challenges

ABSTRACT

Adolescence is a period of intense physical, emotional, and psychosocial changes resulting from hormonal changes triggered by puberty. This mismatch between physical development and emotional maturation increases vulnerability to risks related to sexuality, such as unplanned pregnancy and sexually transmitted infections (STIs). Hormonal contraceptive methods are widely used due to their effectiveness in preventing pregnancy; however, factors such as fear of adverse effects, misinformation, and irregular use reduce their practical effectiveness. Comprehensive sexual education, which includes detailed information on hormonal and barrier contraceptive methods, is essential to enable adolescents to make informed choices, considering benefits and potential risks, such as possible impacts on hormonal development and metabolism. Therefore, public health policies should invest in educational programs that promote in-depth knowledge about contraception, autonomy, and responsibility, avoiding self-medication and ensuring a comprehensive approach to adolescents' sexual and reproductive health. The objective of this study is to describe the relevance of health education in combating self-medication among adolescents. To this end, an integrative descriptive literature review was conducted using the Medline, Lilacs, Araújo CS, Silva CM, Cavalcante EM, Oliveira MS, Silva RP, Portugal WM. *Uso de contraceptivos hormonais em adolescentes: abordagem farmacêutica e desafios éticos.* Rev Univ Bras. 2025;3(4):02 – 18.



Scielo and Google Scholar databases. In total, 7 articles were selected to support the results, 60% of which were in English and 40% in Portuguese. The analysis of the literature highlights the impacts of hormonal contraceptives on adolescents, addressing risks and benefits. While there are concerns about negative effects on bone development and increased risk of infections, benefits in the management of menstrual symptoms and in the quality of life of specific groups are also highlighted. Misinformation about emergency contraceptives is a central problem, highlighting the need for effective sex education. The lack of clear public policies and specific guidelines for vulnerable populations, such as adolescents undergoing medical treatment, highlights the importance of measures that ensure access to adequate care and correct guidance.

Keywords: Hormonal contraceptives, Adolescence, health.

1. Introdução

A adolescência é uma fase essencial no desenvolvimento humano, marcada por um processo de transição que envolve mudanças significativas no âmbito físico, emocional e psicossocial. Durante esse período, a puberdade desencadeia um aumento nos hormônios sexuais, como estrogênio e progesterona nas adolescentes, e testosterona nos adolescentes, sendo responsáveis pelas características sexuais secundárias, como o crescimento dos seios, a ampliação da massa muscular e a redistribuição dos pelos corporais¹. No entanto, o ritmo acelerado das mudanças físicas nem sempre acompanha o amadurecimento cognitivo e emocional, criando uma dissonância que pode tornar os adolescentes mais vulneráveis a riscos relacionados à sexualidade, como a gravidez não planejada e a exposição a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Assim, é essencial compreender essa fase em sua totalidade para promover estratégias eficazes de educação sexual e suporte emocional, visando um desenvolvimento equilibrado e saudável².

Os contraceptivos hormonais, como o chip transdermico, adesivos, anel vaginal, injeções contraceptivas e o método mais comum que são as pílulas anticoncepcionais, são métodos amplamente utilizados pelos adolescentes devido à sua eficácia na prevenção da gravidez. No entanto, a adesão a esses métodos pode ser influenciada por vários fatores, incluindo o medo dos efeitos adversos, a falta de informação adequada e a irregularidade no uso, que pode comprometer sua eficácia. A eficácia dos contraceptivos hormonais depende significativamente do uso correto e consistente. A pílula anticoncepcional, por exemplo, tem uma eficácia superior a 99% quando utilizada de forma correta, ou seja, sem falhas na ingestão diária. Entretanto, na prática, a taxa de falha pode ser maior devido ao esquecimento de doses, que é comum entre adolescentes, resultando em uma eficácia aproximada de 91%. Este dado reflete a necessidade de educação contínua e suporte adequado para garantir o uso eficaz desses métodos³.

A falta de conhecimento detalhado sobre os diferentes métodos contraceptivos disponíveis e seus mecanismos de ação contribui para o uso inadequado ou até mesmo para a rejeição desses métodos. A ênfase excessiva em métodos de barreira, como os preservativos, sem um equilíbrio informativo sobre outras opções contraceptivas, pode limitar as escolhas dos adolescentes e aumentar os riscos de falhas contraceptivas. Além disso, é essencial que a educação sexual inclua informações claras sobre os possíveis efeitos adversos dos contraceptivos hormonais, como alterações no ciclo menstrual, ganho de peso, náuseas e alterações de humor. Embora esses efeitos possam ser desconfortáveis, é fundamental contextualizá-los e oferecer orientação sobre como gerenciá-los, para que os adolescentes possam tomar decisões informadas e continuar com o método contraceptivo escolhido⁴.

O uso desses contraceptivos hormonais na adolescência não está isento de desafios psicológicos e sociais. A decisão de iniciar o uso de contraceptivos pode ser influenciada por pressões sociais, expectativas de parceiros ou até mesmo pelo medo de julgamento por parte dos pais e colegas. Além disso, a falta de privacidade no acesso aos contraceptivos pode ser uma barreira significativa, especialmente em ambientes onde a sexualidade ainda é um tema tabu. Adolescentes que recebem educação sexual e têm acesso a serviços de saúde reprodutiva de forma confidencial estão mais propensos a utilizar contraceptivos de forma eficaz e consistente. Isso não só reduz o risco de gravidez não planejada e ISTs, mas também promove uma maior autonomia e responsabilidade em relação à saúde sexual⁵.

O uso desses medicamentos por este público pode acarretar uma série de consequências que variam de benefícios a riscos potenciais. Embora esses métodos sejam eficazes na prevenção da gravidez indesejada e na regulação do ciclo menstrual, seu uso em uma fase de desenvolvimento físico e hormonal pode interferir no eixo hipotálamo-hipófise-ovariano, o que levar a alterações no padrão de maturação sexual e desenvolvimento ósseo, já que o estrogênio e a progesterona exógenos podem suprimir a produção endógena de hormônios sexuais⁶. Além disso, o uso prolongado pode estar associado a efeitos adversos, como tromboembolismo venoso, especialmente em adolescentes com predisposição genética ou fatores de risco adicionais, e impacto sobre o perfil lipídico e metabólico, aumentando o risco de resistência à insulina e doenças cardiovasculares no futuro. Portanto, a decisão de prescrever contraceptivos hormonais para adolescentes deve ser cuidadosamente avaliada, considerando o equilíbrio entre os benefícios contraceptivos e os potenciais riscos à saúde⁷.

Dessa forma, é fundamental que políticas públicas de saúde e educação invistam em programas que abordem o uso de contraceptivos hormonais com clareza e sensibilidade, garantindo que todos os adolescentes tenham as ferramentas e o conhecimento necessários para fazer escolhas informadas sobre sua saúde sexual e reprodutiva. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é descrever a relevância da educação em saúde para o combate a automedicação entre o público adolescente.

2. Referencial Teórico

2.1 Contracepção: Definição e variações

Contraceptivos são métodos ou dispositivos utilizados para prevenir a gravidez, controlando a fertilidade de forma temporária ou permanente. Eles funcionam interferindo no processo de reprodução natural, seja impedindo a união do espermatozoide com o óvulo, alterando o ambiente reprodutivo feminino ou, em alguns casos, inibindo a própria ovulação. A contracepção pode ser obtida por meio de abordagens hormonais, mecânicas ou químicas, todas com o objetivo de evitar que ocorra a fecundação ou, caso ela aconteça, impedir que o óvulo fertilizado se implante no útero. O uso desses métodos está diretamente relacionado ao planejamento familiar, permitindo que as pessoas escolham quando ou se desejam ter filhos, proporcionando maior controle sobre a saúde reprodutiva. Além dessa função principal de evitar a gravidez, alguns contraceptivos podem ter efeitos benéficos adicionais, como a regulação do ciclo menstrual ou o tratamento de determinadas condições médicas⁸.

Os tipos de contraceptivos variam em eficácia e mecanismos de ação, sendo que alguns são mais permanentes e outros podem ser revertidos de forma simples. Entre os métodos mais eficazes estão a esterilização, os dispositivos intrauterinos (DIUs) e os implantes contraceptivos. A esterilização é considerada definitiva e envolve procedimentos cirúrgicos como a vasectomia nos homens, que corta os canais deferentes impedindo a liberação de espermatozoides, e a laqueadura nas mulheres, que bloqueia as tubas uterinas, anteriormente chamadas de trompas de Falópio, para evitar que o óvulo encontre o esperma. Estes procedimentos são altamente eficazes, mas irreversíveis, sendo opções para pessoas que têm certeza de que não desejam mais filhos⁹.

Outro grupo de métodos que apresentam eficácia são os dispositivos intrauterinos (DIUs) e os implantes contraceptivos. O DIU é um pequeno dispositivo inserido no útero, que pode ser hormonal ou de cobre. O DIU hormonal libera doses controladas de progesterona, que impedem a ovulação e alteram o revestimento do útero, dificultando a implantação de um óvulo fertilizado. Já o DIU de cobre libera íons de cobre, que são tóxicos para os espermatozoides, impedindo sua movimentação. O implante contraceptivo, por sua vez, é inserido sob a pele e libera hormônios de maneira contínua, impedindo a ovulação e alterando o muco cervical. Tanto o DIU quanto o implante são métodos reversíveis, embora de longa duração, podendo permanecer ativos por anos¹⁰. A principal função desses hormônios é impedir a ovulação, que é o processo de liberação do óvulo

pelos ovários. Outro mecanismo de ação envolve o revestimento interno do útero, o endométrio, que é alterado pelos hormônios, tornando-se inadequado para a implantação de um óvulo fertilizado, caso a fecundação ocorra¹¹.

Os hormônios usados nesses contraceptivos são geralmente variações sintéticas dos hormônios femininos estrogênio e progesterona, que controlam o ciclo menstrual. Ao introduzir esses hormônios no corpo de forma controlada, o organismo "entende" que já há níveis suficientes dessas substâncias, o que impede o processo natural de preparação do corpo para uma possível gravidez. Assim, a mulher permanece em um estado hormonal que bloqueia a concepção¹². Entre os métodos de eficácia moderada, como as pílulas, os adesivos transdérmicos, os anéis vaginais e as injeções contraceptivas. As pílulas são ingeridas diariamente e contêm doses de estrogênio e progesterona que impedem a ovulação e modificam o revestimento do útero. O adesivo transdérmico é aplicado na pele e libera hormônios que entram na corrente sanguínea para prevenir a gravidez. Já o anel vaginal, por sua vez, é inserido na vagina e libera hormônios que impedem a ovulação. E a contracepção injetável, por fim, envolve a aplicação periódica de injeções que fornecem hormônios por um período de tempo, geralmente três meses. Esses métodos hormonais são bastante eficazes, mas exigem adesão rigorosa ao esquema de uso para garantir sua eficácia máxima¹³.

Os métodos de barreira, como os preservativos, diafragmas e esponjas, também fazem parte dessa classe dos contraceptivos de eficácia moderada. O preservativo, disponível tanto para homens quanto para mulheres, cria uma barreira física que impede o esperma de alcançar o óvulo, além de ser o único método que oferece proteção contra infecções sexualmente transmissíveis. O diafragma é um dispositivo em forma de cúpula inserido na vagina antes da relação sexual, cobrindo o colo do útero e impedindo a passagem do esperma. Já a esponja contraceptiva contém espermicida e é colocada na vagina, bloqueando o colo do útero e matando os espermatozoides. Esses métodos, embora eficazes, têm uma taxa de falha maior em comparação aos métodos hormonais e aos dispositivos intrauterinos¹⁴. Os métodos menos eficazes incluem o uso de espermicidas isoladamente e o coito interrompido. Os espermicidas são substâncias químicas que matam os espermatozoides e podem ser usados sozinhos ou em conjunto com outros métodos de barreira. Contudo, sua eficácia é limitada quando utilizados como única forma de contracepção. O coito interrompido, que consiste em retirar o pênis da vagina antes da ejaculação, também tem baixa eficácia devido ao risco de que espermatozoides presentes no líquido pré-ejaculatório possam fertilizar o óvulo¹⁵.

2.2 Contracepção da adolescência: Impactos midiáticos e a dificuldade de acesso a saúde

O uso de contraceptivos hormonais na adolescência é um tema abordado de forma frequente, especialmente diante dos desafios e consequências do início precoce da vida sexual e da gravidez não planejada. Embora esses medicamentos ofereçam uma solução eficaz para evitar a gravidez indesejada, especialmente em jovens, é importante analisar de forma crítica seu uso nesta fase da vida e os fatores que contribuem para sua adoção, como a influência do meio, midiática e a falta de acesso adequado à saúde¹⁶. A adolescência é um período marcado por transformações físicas, emocionais e sociais, o que torna essa fase especialmente vulnerável a decisões impulsivas ou mal informadas. A mídia, com sua influente presença na vida dos jovens, frequentemente promove uma visão distorcida ou glamurizada da sexualidade, o que pode induzir comportamentos de risco. Anúncios, séries e influenciadores digitais tendem a abordar a sexualidade sem a devida profundidade ou responsabilidade, muitas vezes ignorando os riscos associados ao início precoce da vida sexual ou ao uso indiscriminado de contraceptivos hormonais. Esse tipo de representação pode fazer com que adolescentes sintam-se pressionados a iniciar sua vida sexual sem compreender completamente as consequências de suas escolhas¹⁷.

Além disso, a falta de acesso adequado a serviços de saúde e educação sexual de qualidade pode agravar a situação. Em muitas regiões, os adolescentes não recebem informações completas sobre as opções contraceptivas, sendo expostos a mitos e desinformações. A falta de orientação profissional adequada pode

resultar no uso indevido de contraceptivos hormonais, que podem trazer efeitos colaterais indesejados como alterações no humor, ganho de peso e distúrbios menstruais, além de possíveis impactos de longo prazo, como o desenvolvimento de problemas hormonais. Em ambientes com escassez de serviços de saúde e aconselhamento especializado, os jovens frequentemente recorrem a métodos indicados por amigos, familiares ou pela internet, sem considerar adequadamente as consequências para sua saúde¹⁸.

Outro ponto a ser mencionado é a falta de políticas públicas de acesso a contraceptivos e educação sexual. Nos países em desenvolvimento, muitas adolescentes que desejam evitar uma gravidez não têm acesso a métodos contraceptivos modernos, o que perpetua ciclos de pobreza e vulnerabilidade social. A ausência de serviços de saúde acessíveis e de qualidade cria um cenário em que os jovens, especialmente meninas, acabam por recorrer a contraceptivos hormonais sem orientação médica, o que pode acarretar riscos à sua saúde física e emocional¹⁹.

Contudo, é inegável que os esses medicamentos desempenham um papel significativo na prevenção da gravidez precoce, que é considerado uma condição grave e que coloca em risco a saúde e o futuro das adolescentes. A gravidez na adolescência está associada a complicações de saúde, como maior risco de mortalidade materna e infantil, além de interromper o ciclo educacional e perpetuar desigualdades sociais. Métodos contraceptivos reversíveis de longa duração, como implantes e dispositivos intrauterinos, são apontados como os mais eficazes para a prevenção de gravidezes indesejadas nessa faixa etária. Esses métodos oferecem uma solução segura e eficaz para evitar a gravidez, permitindo que as adolescentes tenham mais controle sobre seu corpo e seu futuro²⁰. Entretanto, o uso indiscriminado de contraceptivos hormonais sem o devido acompanhamento médico pode ser prejudicial, especialmente na adolescência. É essencial que haja um equilíbrio entre o acesso a esses métodos e a orientação correta por profissionais de saúde, garantindo que este público possa entender os riscos e benefícios do uso de desses medicamentos²¹.

2.3 Aspectos éticos

A ética no uso de contraceptivos hormonais por adolescentes envolve a consideração cuidadosa de diversos princípios e diretrizes legais. Entre os aspectos centrais estão a autonomia dos jovens, a privacidade e a proteção da saúde, todos regulados por uma legislação específica que orienta a prática médica nesse contexto²². Os direitos dos adolescentes à privacidade e à proteção são respaldados pela legislação brasileira. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) assegura que os jovens têm direito a proteção integral, que inclui o acesso a serviços de saúde e a preservação de sua privacidade. A legislação orienta que, em situações que envolvem suspeitas de abuso ou coação, devem ser adotadas medidas que priorizem a saúde e o bem-estar do adolescente, sem comprometer seus direitos à confidencialidade²³.

Além disso, a Resolução nº 1.811 do Conselho Federal de Medicina estabelece diretrizes para a anticoncepção de emergência, permitindo seu uso em todas as fases da vida reprodutiva, incluindo a adolescência, desde que não se trate de métodos abortivos e que sejam respeitadas as leis brasileiras. A revisão do Código de Ética Médica em 2009 reafirma a importância de manter a confidencialidade, exceto quando a não revelação possa causar danos ao paciente²⁴.

3. Material e Métodos

Este estudo consiste em uma revisão integrativa de literatura, metodologia que permite a síntese de múltiplos estudos publicados sobre um determinado tema, proporcionando uma visão abrangente e crítica da produção científica existente. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa "é um método de pesquisa que permite a inclusão de estudos com diferentes delineamentos metodológicos, possibilitando a integração de evidências obtidas de diferentes abordagens". Essa estratégia é de grande relevância para o avanço do conhecimento científico, pois oferece subsídios para a tomada de decisão baseada em evidências,

além de identificar lacunas na literatura que possam orientar futuras pesquisas.

Para a condução desta revisão, foram seguidas as seis etapas de uma revisão integrativa de literatura, conforme proposto por Whitemore e Knafl (2005): (1) formulação da questão de pesquisa, (2) busca na literatura, (3) avaliação dos dados, (4) análise dos dados, (5) interpretação dos resultados, e (6) apresentação da síntese. O conjunto de diretrizes PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*) foi utilizado para guiar o processo de seleção e análise dos artigos. O PRISMA é um padrão amplamente adotado para revisões sistemáticas e meta-análises, assegurando a transparência e a reprodutibilidade dos estudos. Ele envolve quatro etapas principais: Identificação, Triagem, Elegibilidade e Inclusão (Moher et al., 2009).

Na etapa de Identificação, foram realizadas buscas nas bases de dados PubMed, BVS e Scielo utilizando palavras-chave específicas e combinações booleanas, de modo a garantir uma busca abrangente, conforme demonstrado no quadro 1 abaixo.

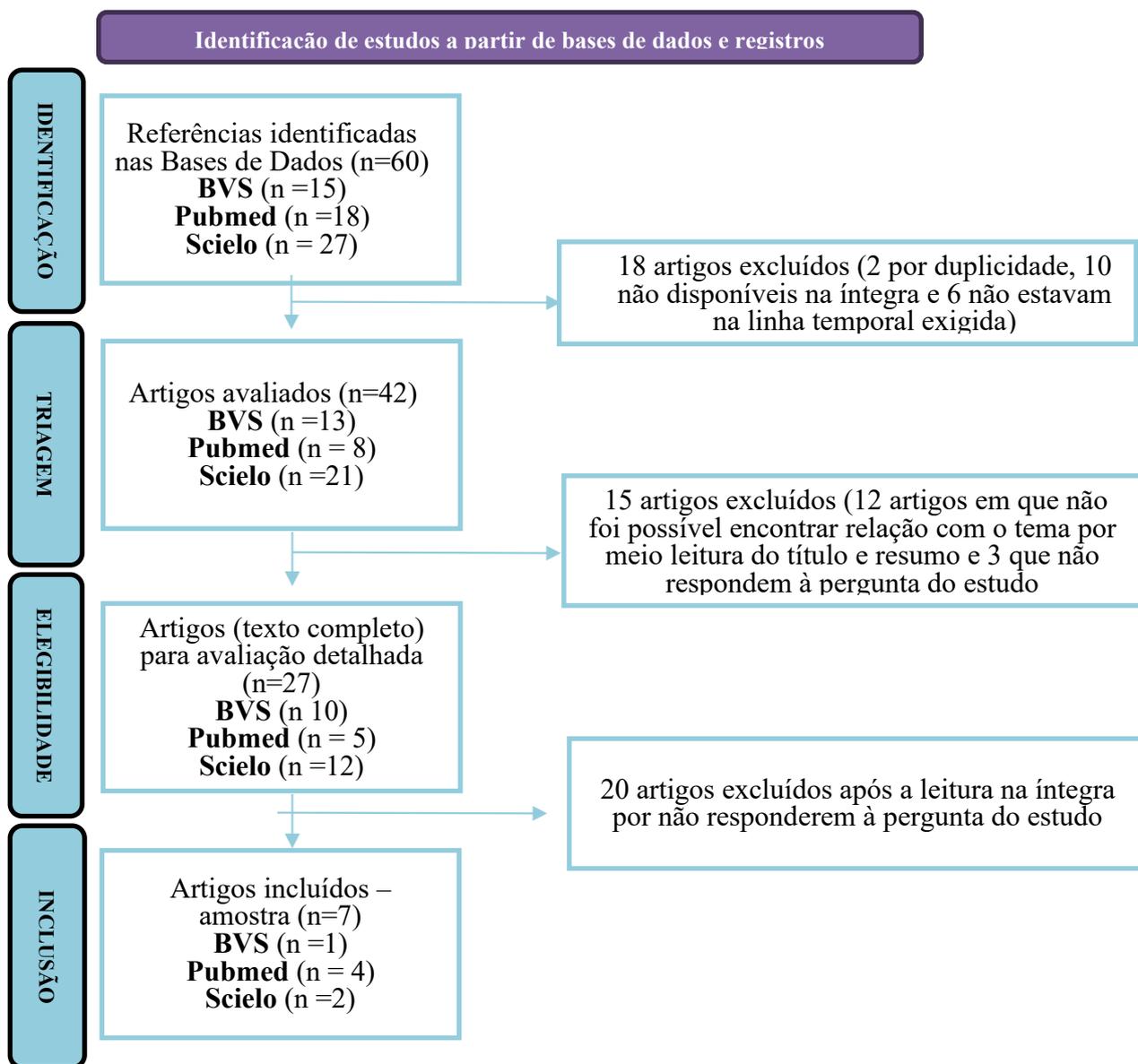
Quadro 1. Cruzamento dos descritores nas bases de dados

BASES DE DADOS	DESCRITORES
MEDLINE via BVS	Contraceptivos Hormonais <i>AND</i> Adolescência
LILACS via BVS	Contraceptivos Hormonais <i>AND</i> Adolescência
SciELO	Contraceptivos Hormonais <i>AND</i> Adolescência

Fonte: Os autores (2024).

Os resultados foram organizados em um gerenciador de referências, onde foram eliminadas as duplicatas. Na fase de Triagem, os títulos e resumos dos artigos foram revisados de forma independente por dois pesquisadores, e aqueles que não correspondiam aos critérios de inclusão foram excluídos. Em seguida, na etapa de Elegibilidade, os artigos selecionados foram analisados em texto completo, verificando-se a adequação aos critérios de elegibilidade previamente estabelecidos, como ano de publicação, idioma e pertinência ao tema. Finalmente, na fase de Inclusão, os estudos que cumpriram todos os critérios foram integrados à análise final e passaram pela extração e síntese de dados para a discussão dos resultados.

Fluxograma 1. Identificação de estudos a partir de bases de dados e registros



Fonte: Autores (2024)

4. Resultados e Discussão

Foram selecionados 7 artigos para o embasamento dos resultados. Em sua maioria, os artigos abordam as principais consequências que o uso de contraceptivos hormonais pode trazer. (Tabela 1)

Tabela 1. Artigos selecionados para composição dos resultados

Autor/ ano	Título	Objetivo	Resultados
Bachrach ²⁵ (2020)	Contracepção hormonal e saúde óssea em adolescentes	Analisar criticamente as lacunas no conhecimento atual sobre os efeitos esqueléticos dos COCs, DMPA e LARCs e ressaltar a necessidade de pesquisas adicionais.	Os efeitos esqueléticos de algumas formas de contracepção hormonal são maiores em mulheres adolescentes do que em mulheres maduras. Em particular, o uso de COCs e DMPA tem sido associado a ganhos ou perdas menores de massa óssea durante esse período crítico para adquirir força óssea.
Prashan e Gomez-Lobo ²⁶ (2019)	Contraceptivos hormonais, dispositivos intrauterinos, análogos do hormônio liberador de gonadotrofina e testosterona: supressão menstrual em populações especiais de adolescentes	Revisar as opções e considerações médicas para a supressão menstrual em pacientes submetidas à quimioterapia que podem estar em risco de sangramento uterino anormal, aquelas com deficiência intelectual ou física e indivíduos transgêneros e não binários de gênero.	O tratamento com contraceptivos hormonais pode trazer benefícios para o público adolescente por regular as taxas hormonais.
Monteiro, Pereira, Herter, Avila e Raupp ²⁷ (2020)	Contracepção hormonal de emergência na adolescência	Analisar o grau de conhecimento de adolescentes brasileiros sobre contracepção de emergência (AE), como administração correta, frequência de uso, eficácia, mecanismo de ação, efeitos adversos e complicações.	Das 148 adolescentes entrevistadas, 8% não conheciam a AE. Entre as sexualmente ativas, 56,7% usaram AE pelo menos uma vez. A chance de obter informações sobre AE com amigos triplica entre 15 e 19 anos [$p=0,04$; $OR=3,18$ (1,08-10,53)]. A maioria usou AE em dose única. Afirmaram que a AE previne 80% da gravidez e deve ser usada em até 72 horas após a relação sexual desprotegida. Apenas 41,2% entre 10 e 14 anos e 82,4% entre 15 e 19 anos sabem que ela previne a fecundação.
Costa, Pugliese, Silva e Andrade ²⁸	Pílula do dia seguinte: importância da atenção	Discutir a importância do profissional	Foi observado que 86,9% do público feminino estudado

	farmacêutica no uso de contraceptivo de emergência para as adolescentes	farmacêutico na orientação do uso de contraceptivos hormonais de emergência	procurou a pílula para uso sem nenhum tipo de acompanhamento.
Balle et al ²⁹	Contraceção hormonal e risco de IST e vaginose bacteriana em adolescentes sul-africanas: análise secundária de um ensaio randomizado	Compara a influência de três contraceptivos hormonais na incidência e prevalência de ISTs e vaginose bacteriana (BV) em adolescentes sul-africanas.	Os resultados sugerem que o uso de Net-En pode estar associado ao aumento do risco de M. genitalium em comparação com anticoncepcionais contendo estrogênio, mas não ao risco geral de IST. O uso de COC pode diminuir o risco de IST em relação ao CCVR.
Balle et al ³⁰	A contraceção hormonal altera a microbiota vaginal e as citocinas em adolescentes sul-africanas em um ensaio randomizado	Avaliar se o uso de contraceptivos hormonais (HC) pode influenciar o risco de HIV por meio de alterações na microbiota do trato genital e citocinas inflamatórias.	Adolescentes randomizadas para COCs tiveram menor diversidade microbiana vaginal e abundância relativa de táxons associados ao risco de HIV em comparação com Net-En ou CCVR. As concentrações de citocinas inflamatórias cervicovaginais foram significativamente maiores em adolescentes randomizadas para CCVR em comparação com COC e Net-En. Isso sugere que o uso de COC pode induzir um ecossistema vaginal ideal ao diminuir a diversidade bacteriana e os táxons inflamatórios, enquanto o uso de CCVR está associado à inflamação genital.
Lewandowski, Duttge e Meyer ³¹ (2020)	Qualidade de vida e saúde mental em adolescentes usuárias de contraceptivos orais. Resultados da Pesquisa Nacional e Representativa de Entrevistas e Exames de Saúde Alemã para Crianças e Adolescentes (KiGGS)	Investigar se a contraceção hormonal em adolescentes de 15 a 17 anos estava relacionada à qualidade de vida relacionada à saúde e a problemas de saúde mental.	A qualidade de vida autoavaliada foi semelhante entre usuárias (n = 522) e não usuárias (n = 1173, 69,2%) de anticoncepcionais orais ($69,2 \pm 11,2$ vs. $69,2 \pm 11,0$, $p = 0,943$), assim como a versão avaliada pelos pais ($72,9 \pm 10,6$ vs. $72,9 \pm 10,5$, $p = 0,985$). Da mesma forma, não foram observadas diferenças significativas entre os dois grupos em relação às pontuações do SDQ

			<p>autoavaliadas ($10,9 \pm 4,4$ vs. $10,8 \pm 4,6$, $p = 0,732$) e avaliadas pelos pais ($7,2 \pm 4,8$ vs. $7,0 \pm 4,6$, $p = 0,390$). No entanto, o 25(OH)D sérico ($59,5 \pm 32,9$ vs. $46,1 \pm 28,0$ nmol/L, $p < 0,001$) e a pressão arterial média ($88,2 \pm 7,4$ vs. $86,5 \pm 7,7$ mmHg, $p < 0,001$) foram significativamente maiores em usuárias do que em não usuárias. Houve uma tendência para uma maior taxa de prescrição de medicamentos psicotrópicos em participantes que tomavam pílulas anticoncepcionais orais em comparação com aquelas que não recebiam contracepção hormonal ($17,8\%$ vs. $14,4\%$, $p = 0,052$).</p>
--	--	--	--

Fonte: Autores (2024)

A partir da bibliografia coletada e analisada foi possível observar que existem inúmeros malefícios trazidos pelo uso de contraceptivos em idade maturativa, como mencionados por Bachrach²⁵ (2020), que afirma que o uso de anticoncepcionais durante a adolescência, como os contraceptivos orais combinados (COCs) e a medroxiprogesterona intramuscular (DMPA), pode interferir no desenvolvimento ósseo, principalmente ao alterar as concentrações de estrogênio e IGF, hormônios essenciais para o acúmulo de densidade mineral óssea (DMO). Isso pode resultar em um acúmulo mais lento de DMO e, conseqüentemente, aumentar o risco de fraturas nessa fase crítica de crescimento.

Em contrapartida, o artigo de Prashan e Gomez-Lobo²⁶ (2019) traz um contraponto para esta abordagem, descrevendo os benefícios que esses medicamentos podem trazer. O artigo revisa as opções e considerações médicas para a supressão menstrual em adolescentes, abordando o uso de contraceptivos hormonais para tratar sintomas menstruais, como menstruação intensa, dolorosa, síndrome pré-menstrual e enxaquecas, ou por preferência da paciente. Em populações especiais, como pacientes adolescentes submetidas à quimioterapia com risco de sangramento uterino anormal, adolescentes com deficiência intelectual ou física e indivíduos transgêneros e não binários, os riscos e benefícios da supressão precisam ser cuidadosamente avaliados.

Já o estudo de Monteiro, Pereira, Herter, Avila e Raupp²⁷ (2020) traz uma abordagem sobre os contraceptivos hormonais de emergência. O estudo revelou que o conhecimento sobre contracepção de emergência (AE) entre adolescentes brasileiras é limitado, com 8% desconhecendo o método por completo. Entre as sexualmente ativas, 56,7% já utilizaram AE, principalmente após situações de estupro ou relações desprotegidas, com maior frequência entre adolescentes de 15 a 19 anos. A maioria sabe que a AE deve ser tomada em até 72 horas para prevenir a gravidez, mas o entendimento sobre seu mecanismo de ação é deficiente, especialmente entre as mais jovens (10 a 14 anos), com apenas 41,2% desse grupo sabendo que a AE previne a fecundação. Muitos adolescentes, independentemente da idade, têm concepções equivocadas sobre os riscos da AE, como acreditar que ela causa aborto, câncer ou infertilidade. Quanto aos efeitos colaterais, o grupo de 15 a 19 anos apresentou maior conhecimento, mencionando náuseas e vômitos, enquanto

as mais jovens pouco souberam responder. No geral, mais de 80% das entrevistadas reconhecem que a AE pode causar irregularidade menstrual.

Em complementos, os autores Costa, Pugliese, Silva e Andrade²⁸ (2021) também falam sobre a desinformação e o mal uso do contraceptivo hormonal de emergência, e reforça que o profissional farmacêutico tem o papel essencial na orientação de adolescentes que fazem o uso. O estudo examinou o uso da pílula do dia seguinte (PDS), e os autores afirmam que para o farmacêutico, é crucial fornecer orientações precisas sobre o uso da PDS, que contém altas doses hormonais e, portanto, só pode ser vendida com receita médica devido aos possíveis efeitos adversos. O farmacêutico deve esclarecer que a PDS não é um método contraceptivo regular e deve ser utilizada apenas em emergências, como falhas de outros métodos anticoncepcionais ou situações de abuso sexual. A eficácia da PDS diminui com o tempo após a relação sexual, aumentando o risco de gravidez quanto mais tarde for tomada. Além disso, o farmacêutico deve aconselhar sobre alternativas contraceptivas contínuas e eficazes, como preservativos e dispositivos intrauterinos, e reforçar a importância de seu uso regular para evitar gestações não planejadas e doenças sexualmente transmissíveis. O farmacêutico também deve educar as pacientes sobre a importância de seguir as diretrizes da Organização Mundial da Saúde para o uso adequado dos métodos contraceptivos e a correta utilização da PDS.

O Estudo de Balle et al²⁹ (2020) comparou o impacto de três contraceptivos hormonais (HC) — enantato de noretisterona injetável (Net-En), contraceptivos orais combinados (COC) e o anel vaginal contraceptivo combinado (CCVR) — na incidência e prevalência de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e vaginose bacteriana (BV) em adolescentes sul-africanas. Após 16 semanas de uso, não houve diferença significativa na prevalência de BV entre os grupos. No entanto, a incidência geral de IST foi alta, sendo 16,2% no grupo COC, 25,7% no grupo Net-En e 37,1% no grupo CCVR. As taxas de incidência de IST foram semelhantes entre Net-En e os contraceptivos contendo estrogênio, com uma menor taxa de incidência de *Chlamydia trachomatis* e *Neisseria gonorrhoeae* no grupo Net-En, mas uma taxa significativamente maior de *Mycoplasma genitalium*. O risco de ISTs e *N. gonorrhoeae* foi menor no grupo COC em comparação com CCVR. Esses resultados sugerem que o uso de Net-En pode aumentar o risco de *M. genitalium* em relação aos anticoncepcionais com estrogênio, enquanto o uso de COC pode reduzir o risco de ISTs em comparação ao CCVR.

Em complemento a este estudo, os mesmos autores, Balle et al³⁰ (2020), publicaram posteriormente um estudo que investigou como diferentes contraceptivos hormonais (HC) influenciam a microbiota vaginal e as citocinas inflamatórias em adolescentes sul-africanas. As participantes, com idades entre 15 e 19 anos, foram randomizadas para usar enantato de noretisterona injetável (Net-En), contraceptivos orais combinados (COC) ou anel vaginal contraceptivo combinado (CCVR) por 16 semanas. Os resultados mostraram que o uso de COC foi associado a uma menor diversidade microbiana vaginal e menor presença de táxons relacionados ao risco de HIV em comparação com Net-En e CCVR. Além disso, adolescentes que usaram CCVR apresentaram concentrações significativamente mais altas de citocinas inflamatórias cervicovaginais em relação aos outros grupos. Esses achados sugerem que o uso de COC pode criar um ambiente vaginal mais favorável, reduzindo a diversidade bacteriana e os fatores inflamatórios, enquanto o uso de CCVR pode aumentar a inflamação genital, potencialmente influenciando o risco de infecção por HIV.

Já os autores Lewandowski, Duttge e Meyer³¹ (2020) realizaram um estudo, baseado em dados do KiGGS, investigando a relação entre o uso de contraceptivos hormonais em adolescentes alemãs de 15 a 17 anos e sua qualidade de vida e saúde mental. Os resultados mostraram que não houve diferença significativa na qualidade de vida autoavaliada ou avaliada pelos pais entre as usuárias e não usuárias de anticoncepcionais orais, assim como nas pontuações do Questionário de Forças e Dificuldades (SDQ), que mede problemas de saúde mental. No entanto, as adolescentes que usavam contraceptivos hormonais apresentaram níveis significativamente mais altos de vitamina D sérica [25(OH)D] e pressão arterial média em comparação com as que não usavam. Embora houvesse uma tendência para maior prescrição de medicamentos psicotrópicos entre as usuárias de contraceptivos hormonais, essa diferença não foi estatisticamente significativa. Modelos

de regressão linear confirmaram que não havia associação entre o uso de contraceptivos hormonais e o bem-estar mental, independentemente de quem realizava a avaliação.

Em síntese, a análise da literatura evidencia a dualidade que permeia o uso de contraceptivos hormonais durante a adolescência, destacando tanto os riscos quanto os benefícios associados a essas intervenções. Enquanto Bachrach²⁵ (2020) alerta para os potenciais danos ao desenvolvimento ósseo e à saúde em geral, Prashan e Gomez-Lobo²⁶ (2019) sublinham a importância desses métodos no manejo de condições menstruais e na melhoria da qualidade de vida em adolescentes com necessidades específicas. A desinformação, como evidenciado por Monteiro et al.²⁷ (2020) e Costa et al.²⁸ (2021), revela a urgência de uma educação sexual eficaz e do papel crucial dos profissionais de saúde na orientação adequada sobre métodos contraceptivos, especialmente em relação à contracepção de emergência. Além disso, os estudos de Balle et al.²⁹ (2020) e Lewandowski et al.³¹ (2020) ressaltam a importância de considerar a saúde sexual e mental das adolescentes ao decidir sobre a utilização de contraceptivos hormonais, enfatizando a necessidade de um cuidado integral e baseado em evidências. Dessa forma, torna-se evidente que, para garantir a saúde e o bem-estar das adolescentes, é essencial implementar políticas públicas que promovam a educação sexual abrangente, orientações precisas e um acesso seguro e responsável aos métodos contraceptivos.

Em aspectos gerais, o compilado de artigos selecionados aborda os impactos dos contraceptivos hormonais em adolescentes, trazendo à tona questões relevantes sobre saúde óssea, uso em situações específicas, e desinformação generalizada sobre contraceptivos de emergência, além de explorar a relação entre o uso de métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e a saúde mental. Em termos de políticas públicas, é evidente que a falta de educação e informação adequada sobre contracepção é um problema central, especialmente entre adolescentes, como mostrado no estudo sobre contraceptivos de emergência. O desconhecimento sobre o uso correto da pílula do dia seguinte e seus possíveis efeitos adversos, incluindo a crença equivocada de que o uso causa aborto ou infertilidade, revela uma lacuna importante no sistema educacional e de saúde pública. Embora haja ênfase no papel do farmacêutico em fornecer orientações corretas, o estudo não sugere uma política pública mais ampla de educação sexual nas escolas, o que poderia reduzir significativamente a desinformação e o uso inadequado de contraceptivos. O acesso à educação sexual estruturada é uma medida que merece mais atenção, e a ausência de discussão sobre isso destaca uma falha sistêmica na abordagem das questões contraceptivas.

Outro ponto de destaque é o uso de contraceptivos hormonais em populações vulneráveis, como adolescentes em tratamento para câncer ou com deficiências. Esses grupos enfrentam riscos e benefícios específicos que devem ser avaliados cuidadosamente, porém a falta de diretrizes públicas claras sobre o uso de contraceptivos nessas situações pode criar barreiras no acesso a cuidados de saúde apropriados. Há necessidade de políticas que considerem o contexto clínico e social dessas populações, algo pouco explorado na discussão. Além disso, do ponto de vista social, o uso inadequado de contraceptivos hormonais e a alta incidência de ISTs entre adolescentes destacam questões de desigualdade no acesso a cuidados de saúde e educação sobre contracepção. As diferenças no risco de infecções entre os diversos métodos contraceptivos abordados indicam a necessidade de uma abordagem mais integrada de saúde pública que considere não apenas a eficácia contraceptiva, mas também os riscos de infecção sexual. A alta prevalência de ISTs, especialmente em países de baixa e média renda, aponta para a necessidade de políticas que promovam o acesso a métodos contraceptivos que minimizem esses riscos.

Politicamente, a ausência de uma solução clara no que diz respeito à regulamentação e ao acesso aos contraceptivos de emergência é uma lacuna relevante. Embora alguns autores destaquem o papel do farmacêutico em orientar os adolescentes, a exigência de receita médica para a compra desses contraceptivos pode se tornar uma barreira de acesso, especialmente em casos de abuso sexual ou falhas de métodos contraceptivos. Uma política de acesso mais facilitado, com orientações educacionais simultâneas, poderia ser uma alternativa para reduzir gestações indesejadas e melhorar a saúde reprodutiva de adolescentes. Em síntese, os problemas sociais e de saúde discutidos envolvem desinformação, falta de acesso adequado a cuidados de

saúde e a necessidade de políticas públicas que assegurem uma educação sexual eficiente. A discussão carece de soluções concretas para esses problemas, como a ampliação de políticas educacionais e de acesso a métodos contraceptivos, e o reforço do papel dos profissionais de saúde no contexto da orientação e prevenção.

5. Conclusão

Em conclusão, o uso de contraceptivos hormonais por adolescentes é um tema de suma importância que demanda uma reflexão crítica e cuidadosa. Esses métodos, ao oferecerem benefícios como o controle de menstruações intensas e a gestão de sintomas menstruais, podem melhorar significativamente a qualidade de vida de muitas jovens.

No entanto, é vital também considerar os riscos potenciais, que incluem interferências no desenvolvimento ósseo e nas dinâmicas hormonais, especialmente em uma fase tão crucial de crescimento. A evidência de desinformação entre adolescentes, somada à falta de uma educação sexual adequada, destaca a urgência de se implementar programas de conscientização e orientação. Profissionais de saúde desempenham um papel crucial nessa educação, sendo fundamentais para garantir que as jovens compreendam tanto os benefícios quanto os riscos associados ao uso de contraceptivos hormonais.

Para garantir a saúde e o bem-estar das adolescentes, é essencial que as políticas públicas promovam uma abordagem integrada, que combine educação sexual abrangente e acesso seguro e responsável a métodos contraceptivos. Apenas assim poderemos capacitar as jovens a tomar decisões informadas e a usufruir de sua saúde reprodutiva de forma plena e consciente.

Referências

1. Alves IA, Ferreira VCA, Oliveira KGZ, Aragão MAM. The impact of using contraceptive methods in adolescence: an integrative review. *RSD* [Internet]. 2022 Jan. 31 [cited 2024 Aug. 28];11(2):e43711225949. Available from: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/25949>
2. Rios AR, Sena AD de, Krug BR, Dantas EK de O, Ferronato ECB, Bomfim JQ, Oliveira LA de, Ferreira PCCM, Moura VG de C, Guimarães RMGC. Fatores relacionados à escolha de métodos contraceptivos na adolescência: uma revisão de literatura. *REAS* [Internet]. 14 maio 2021 [citado 29 ago. 2024];13(5):e6942. Available from: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6942>
3. Aguiar Vieira A, da Costa Nogueira Cerqueira L, da Costa Teixeira P, Tomazinho de Lacerda Dumarde L, Pradonoff Oliveira P, Barcellos Oliveira Koeppel G. O uso de métodos contraceptivos por adolescentes: conhecimento de estudantes do ensino médio. *Glob Acad Nurs* [Internet]. 31º de dezembro de 2020 [citado 28º de agosto de 2024];1(3):e37. Disponível em: <https://globalacademicnursing.com/index.php/globacadnurs/article/view/67>
4. Santos C, Roso A, Lisbôa Filho FF. Contracepção e adolescência(s): revisão integrativa. *Estud. Interdiscip. Psicol.* [Internet]. 28º de dezembro de 2021 [citado 28º de agosto de 2024];12(3):137-63. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/41024>

5. Leite AC, Silva MPB, Avelino JT, Sousa GMR de, Sousa MVA de, Barbosa MVR, et al. Knowledge and use of contraception in adolescence: contributions of nursing care. RSD [Internet]. 2021 Sep. 5 [cited 2024 Aug. 28];10(11):e437101119575. Available from: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/19575>
6. Cardoso LC dos S, Bendl AL, dos Santos LTV, Lima BL de O, Einloft M, Souza A. A utilização de contraceptivos hormonais por adolescentes e potenciais riscos para a saúde. Clin Biomed Res [Internet]. 28º de junho de 2019 [citado 28º de agosto de 2024];39(1). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/hcpa/article/view/85153>
7. Pereira ER, Sousa TR de, Souza CM de A, Leal ES, Oliveira AEB de, Morais MKL, Medeiros MC de M, Oliveira Érico C, Castro VMR de. Sexuality in adolescence and the use of contraceptive methods. RSD [Internet]. 2022 Jul. 27 [cited 2024 Aug. 28];11(10):e178111032436. Available from: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/32436>
8. Trindade RE, Siqueira BB, Paula TF, Felisbino-Mendes MS. Uso de contracepção e desigualdades do planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras. Cienc Amp Saude Coletiva [Internet]. 2021 [citado 12 set 2024];26(suppl 2):3493-504. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.2.24332019>
9. Silva JN, Rodrigues ECR, Alcântara DS de, Oliveira LF de, de Magalhães CCRGN, Pinheiro JD, Silva MPS da, Ribeiro M da S, Barros LC de S, Abreu NP de. Conhecimento das mulheres sobre métodos contraceptivos em um município do sul do Tocantins. REAS [Internet]. 2abr.2020 [citado 12 set.2024];(44):e3026. Available from: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3026>
10. Aparecida Carmelina Pereira F, Peres Cardoso T, Gertudes Batalhão I. Revistas Unilago [Internet]. A IMPORTÂNCIA DO DISPOSITIVO INTRA-UTERINO (DIU) | Revista Científica Unilago; 14 jan 2022 [citado 12 set 2024]. Disponível em: <https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/526>
11. Bolsoni TLF, Albarello VD, Barbosa NG, Gomes-Sponholz FA, Gozzo T de O. USO DE CONTRACEPTIVOS HORMONAIIS ORAIS E A FUNÇÃO SEXUAL DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM. Rev. Bras. Sex. Humana [Internet]. 29º de agosto de 2024 [citado 11º de setembro de 2024];35:1151. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1151
12. Santos LVS dos, Lima CG. INFLUÊNCIA DOS CONTRACEPTIVOS HORMONAIIS NA SAÚDE DA MULHER: UMA REVISÃO DE LITERATURA. REASE [Internet]. 3º de junho de 2024 [citado 12º de setembro de 2024];10(6):333-46. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14367>

13. Silva AS da, Caetano OA. A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO FAMILIAR E OS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA. REASE [Internet]. 13º de setembro de 2022 [citado 12º de setembro de 2024];8(8):1322-35. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/6757>
14. Rios AR, Sena AD de, Krug BR, Dantas EK de O, Ferronato ECB, Bomfim JQ, Oliveira LA de, Ferreira PCCM, Moura VG de C, Guimarães RMGC. Fatores relacionados à escolha de métodos contraceptivos na adolescência: uma revisão de literatura. REAS [Internet]. 14maio2021 [citado 12set.2024];13(5):e6942. Availablefrom: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/6942>
15. Vieira AA, Cerqueira LD, Teixeira PD, Dumarde LT, Oliveira PP, Koeppel GB. O uso de métodos contraceptivos por adolescentes: conhecimento de estudantes do ensino médio. GlobAcadNurs J [Internet]. 2020 [citado 12 set 2024];1(3). Disponível em: <https://doi.org/10.5935/2675-5602.20200037>
16. Fontenele AJ de O, Lima AA, Silva CS da, Tarquino RP, Gomes RTA, Silva MED, Gomes B da S. O uso de anticoncepcionais hormonais por adolescentes e possíveis riscos à saúde: Uma revisão integrativa . RSD [Internet]. 2023Out.10 [citado 2024Set.11];12(10):e75121043385. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/43385>
17. Souza MS, Pereira E da S, Sousa Júnior CP de, Freitas R de C, Silva AD da, Coêlho LPI, Rocha AG da S, Ferreira RN, Menezes C de SM e, Vieira CGA. Anticoncepcionais hormonais orais e seus efeitos colaterais no organismo feminino: uma revisão integrativa: Oral hormonal contraceptivesandtheireffects colateral in thefemaleorganism: anintegrative review. J. Educ. Sciand Health [Internet]. 19º de junho de 2022 [citado 12º de setembro de 2024];2(2):01-1. Disponível em: <https://bio10publicacao.com.br/jesh/article/view/114>
18. Alves RSS, Sousa FLL de, Leite AC, Silva MPB, Silva JKA da, Silva ER da, Santos SF dos, Rodrigues HA, Maia CC, Silvestre FER, Almeida LF de, Sorio CF, Favalessa AR, Santos BKO, Amando MAO, Mendonça LCJ, Miranda CQ de, Fernandes JM, Morais LSF. Gravidez na adolescência: Contribuições dos profissionais de saúde para a educação sexual e reprodutiva. RSD [Internet]. 2021Fev.10 [citado em 2024Set.11];10(2):e20010211282. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11282>
19. Pinto ACN de M, Rogério J dos S, Pereira CMBL. Fatores de risco para a gravidez na adolescência. REAC [Internet]. 30out.2023 [citado 12set.2024];46:e13678. Availablefrom: <https://acervomais.com.br/index.php/cientifico/article/view/13678>
20. Barbosa LU, Pereira J de CN, Lima A de GT, Costa SS da, Machado R da S, Henriques AHB, Folmer V. Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola. REAS [Internet]. 12mar.2020 [citado 12set.2024];12(4):e2921. Availablefrom: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2921>

21. Rodrigues B de S, Souza CS e, Leite MER. Nursingcare in the face of indiscriminate use of emergency contraceptives: An integrative review. RSD [Internet]. 2022 Oct. 16 [cited 2024 Sep. 11];11(13):e596111336008. Available from: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/36008>

22. Anna Paula Rodrigues de Oliveira, Lígia Moura Burci. Percepção Bioética dos Enfermeiros na Administração e/ou Orientação do Uso do Contraceptivo de Emergência. BJFS [Internet]. 28 de junho de 2019 [citado em 11 de setembro de 2024];8(3):165-77. Disponível em: <https://www.bjfs.org/bjfs/bjfs/article/view/692>

23. Groetares RA, Silva TA, Gomes ED, Souza AD, Silva JS, Silva GS. universo das universitárias versus conhecimento sobre o contraceptivo oral: Uma reflexão para a enfermagem. Rev Pro UniverSUS [Internet]. 29 jun 2022 [citado 12 set 2024];13(1):08-18. Disponível em: <https://doi.org/10.21727/rpu.v13i1.3101>

24. Darze OI, Barroso Júnior U. Uma Proposta Educativa para Abordar Objeção de Consciência em Saúde Reprodutiva durante o Ensino Médico. Rev Bras Educ Medica [Internet]. Dez 2018 [citado 12 set 2024];42(4):155-64. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n4rb20180021>

25. Bachrach LK. Hormonal Contraception and Bone Health in Adolescents. Front Endocrinol (Lausanne). 2020 Aug 21;11:603. doi: 10.3389/fendo.2020.00603. PMID: 32973688; PMCID: PMC7472551.

26. Pradhan S, Gomez-Lobo V. Hormonal Contraceptives, Intrauterine Devices, Gonadotropin-releasing Hormone Analogues and Testosterone: Menstrual Suppression in Special Adolescent Populations. J Pediatr Adolesc Gynecol. 2019 Sep;32(5S):S23-S29. doi: 10.1016/j.jpag.2019.04.007. Epub 2019 Apr 11. PMID: 30980941.

27. Monteiro DLM, Pereira MFVR, Herter LD, Avila R, Raupp RM. Emergency hormonal contraception in adolescence. Rev Assoc Med Bras (1992). 2020 Apr;66(4):472-478. doi: 10.1590/1806-9282.66.4.472. PMID: 32578781.

28. Costa WR, Pugliese FS, Silva MS da, Andrade LG de. Pílula do dia seguinte: importância da atenção farmacêutica no uso de contraceptivo de emergência para as adolescentes. REASE [Internet]. 8º de setembro de 2021 [citado 19º de setembro de 2024];7(8):932-40. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2039>

29. Balle C, Gill K, Konstantinus IN, Jaumdally SZ, Lennard K, Esra R, Happel AU, Barnabas SL, Gamielien H, Pidwell T, Maseko V, Lesosky M, Myer L, Passmore JS, Bekker LG, Jansen HB. Hormonal contraception and risk of STIs and bacterial vaginosis in South African adolescents:

- secondary analysis of a randomised trial. *Sex Transm Infect.* 2021 Mar;97(2):112-117. doi: 10.1136/sextrans-2020-054483. Epub 2020 Sep 28. PMID: 32989170.
30. Balle C, Konstantinus IN, Jaumdally SZ, Havyarimana E, Lennard K, Esra R, Barnabas SL, Happel AU, Moodie Z, Gill K, Pidwell T, Karaoz U, Brodie E, Maseko V, Gamielien H, Bosinger SE, Myer L, Bekker LG, Passmore JS, Jaspan HB. Hormonal contraception alters vaginal microbiota and cytokines in South African adolescents in a randomized trial. *Nat Commun.* 2020 Nov 4;11(1):5578. doi: 10.1038/s41467-020-19382-9. PMID: 33149114; PMCID: PMC7643181.
31. Lewandowski SK, Duttge G, Meyer T. Quality of life and mental health in adolescent users of oral contraceptives. Results from the nationwide, representative German Health Interview and Examination Survey for Children and Adolescents (KiGGS). *Qual Life Res.* 2020 Aug;29(8):2209-2218. doi: 10.1007/s11136-020-02456-y. Epub 2020 Mar 6. PMID: 32144614; PMCID: PMC7363664.